

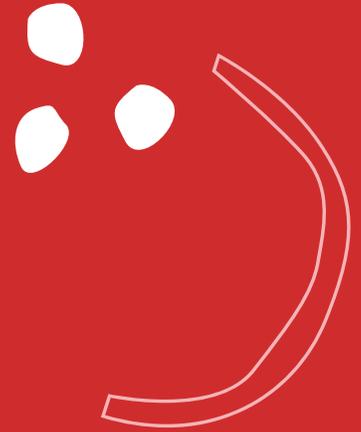
UMA REVISTA DE EXPERIMENTA LISMOS

MATA
PACOS

QUARENTENA DE ABRIL 2020 | EDIÇÃO 1



Capa por GORA



expediente

IDEALIZAÇÃO: COLETIVO COMA A FRONTEIRA_

EDITOR: CAIO RIBEIRO_

DESIGN GRÁFICO:

CAIO RIBEIRO, MARCELLA GAIOTO E LUCAS LEMOS_

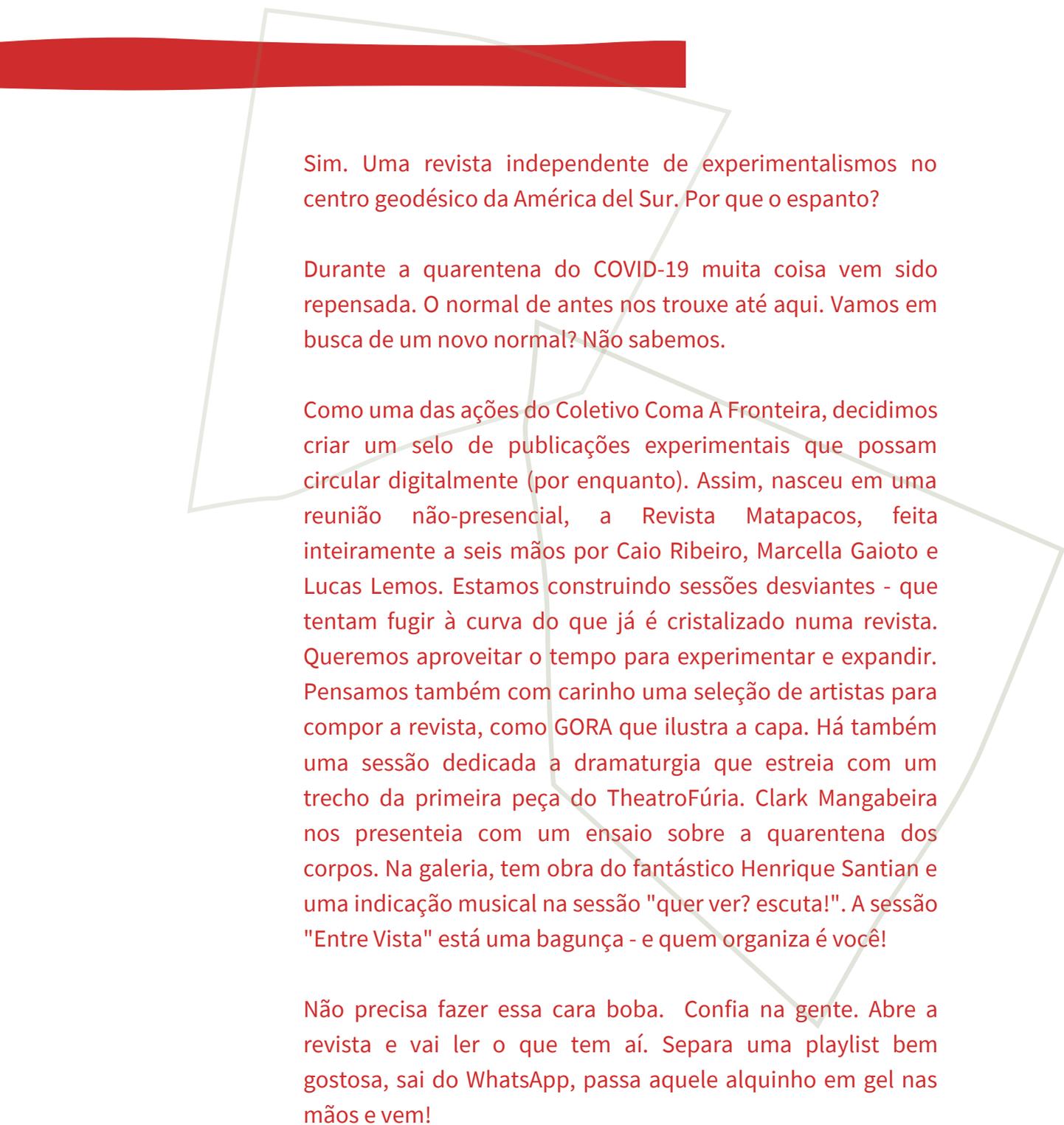
REVISÃO E COLABORAÇÃO:

MARCELLA GAIOTO E LUCAS LEMOS_

ARTE DE CAPA: GORA_

ARTISTAS CONVIDADES: ACLYSE DE MATOS, CLARK MANGABEIRA, GORA, HENRIQUE SANTIAN, JULIANA CAPILÉ, LIVIA BERTGES, LORENZO FALCÃO, LUIZ MARCHETTI, LUZ MARINA, MARCUS VAZ, MARÍLIA BEATRIZ FIGUEIREDO, MAURÍCIO MOTA, PERSEU AZUL, SOL, THEATRO FÚRIA_

editorial



Sim. Uma revista independente de experimentalismos no centro geodésico da América del Sur. Por que o espanto?

Durante a quarentena do COVID-19 muita coisa vem sendo repensada. O normal de antes nos trouxe até aqui. Vamos em busca de um novo normal? Não sabemos.

Como uma das ações do Coletivo Coma A Fronteira, decidimos criar um selo de publicações experimentais que possam circular digitalmente (por enquanto). Assim, nasceu em uma reunião não-presencial, a Revista Matapacos, feita inteiramente a seis mãos por Caio Ribeiro, Marcella Gaioto e Lucas Lemos. Estamos construindo sessões desviantes - que tentam fugir à curva do que já é cristalizado numa revista. Queremos aproveitar o tempo para experimentar e expandir. Pensamos também com carinho uma seleção de artistas para compor a revista, como GORA que ilustra a capa. Há também uma sessão dedicada a dramaturgia que estreia com um trecho da primeira peça do TeatroFúria. Clark Mangabeira nos presenteia com um ensaio sobre a quarentena dos corpos. Na galeria, tem obra do fantástico Henrique Santian e uma indicação musical na sessão "quer ver? escuta!". A sessão "Entre Vista" está uma bagunça - e quem organiza é você!

Não precisa fazer essa cara boba. Confia na gente. Abre a revista e vai ler o que tem aí. Separa uma playlist bem gostosa, sai do WhatsApp, passa aquele alquinho em gel nas mãos e vem!

**"TODA LIBERDADE
É EXPERIMENTAL"**

WDP

nesta edição

FABULAÇÕES OU FABRICAÇÕES

prosa-poética em quadros
de Marcella Gaioto

04



EXPERIMENTA ÇÕES

poemas visuais de Caio
Ribeiro

01

REI NINGUÉM

uma jornada desbravadora até
o nada - Lucas Lemos



07

13

NA FOGUEIRA

por Paco Del Rio

ENTRE VISTAS

artistas convidadas

10

QUEM É MATAPACOS?

12

ENSAIOS SOBRE MIM E VOCÊ

14

por Clark Mangabeira

GALERIA

15 por Henrique Santian

NEPAL

trecho da peça do
TheatroFúria

16

QUER VER?

ESCUTA!

ouça o som da
Cosmocolmeia de Laura
Wrona

18



EXPERI MON TAÇÕES

Escrever é escavar.

Encontrar outros modos de levantar os diversos alfabetos possíveis. A língua tem tantas línguas e cada uma delas um gosto diferente. O poema se instaura enquanto uma construção de mil mãos, uma quimera de milhões de anos. Mas é breve - tão breve que, as vezes, dura toda a eternidade.

onde se vai
esvai o longe
e aproxima o
desespero
espera pra
ver o verde
tomando
conta desta
geringonça
meio gente
meio onça
sempre em
frente numa
seta que
arremessa a
vontade a
 vaidade a
verdade para
frente do
tempo em pó
corre pra
dentro do
corpo o
estojo que
guarda sua
mente
aguente que
ainda vem
chapa quente
a gente tá no
olho do
furacão e não
tem lente leite
leito alento
para esse
momento
tem só espera
e ela é a
pedra
fundamental
do que vem

no osso

osso aceso nosso
peito ileso leve longe
e limpo. o osso é
sombra é sorte é
sempre um sinal de
simpatia o tamanho
do osso e sua
brutalidade varia da
parte do corpo
partido o osso revela-
se o passado e penso
se o ancestral pode
pensar o futuro se o
osso guarda um
comando ainda
secreto sagrado
salgado o osso é
registro é o que está
por dentro de toda
ação do corpo essa
máquina de tons e
gostos osso nosso
osso medula
necessária que abre
para a estrutura de
cada nós o osso o pó
do osso cal call-me
osso o osso a matéria
que dura do corpo o
osso a cartilagem o
osso a ossatura a
história o osso o osso
é osso o osso é nosso
o osso é herança sos
ossaturação ossoho
ossanha a palavra é
osso letra é escultura
de esqueleto de osso
traçado osso é
tradução em lingua
morta

X

praonde

selvagen
te

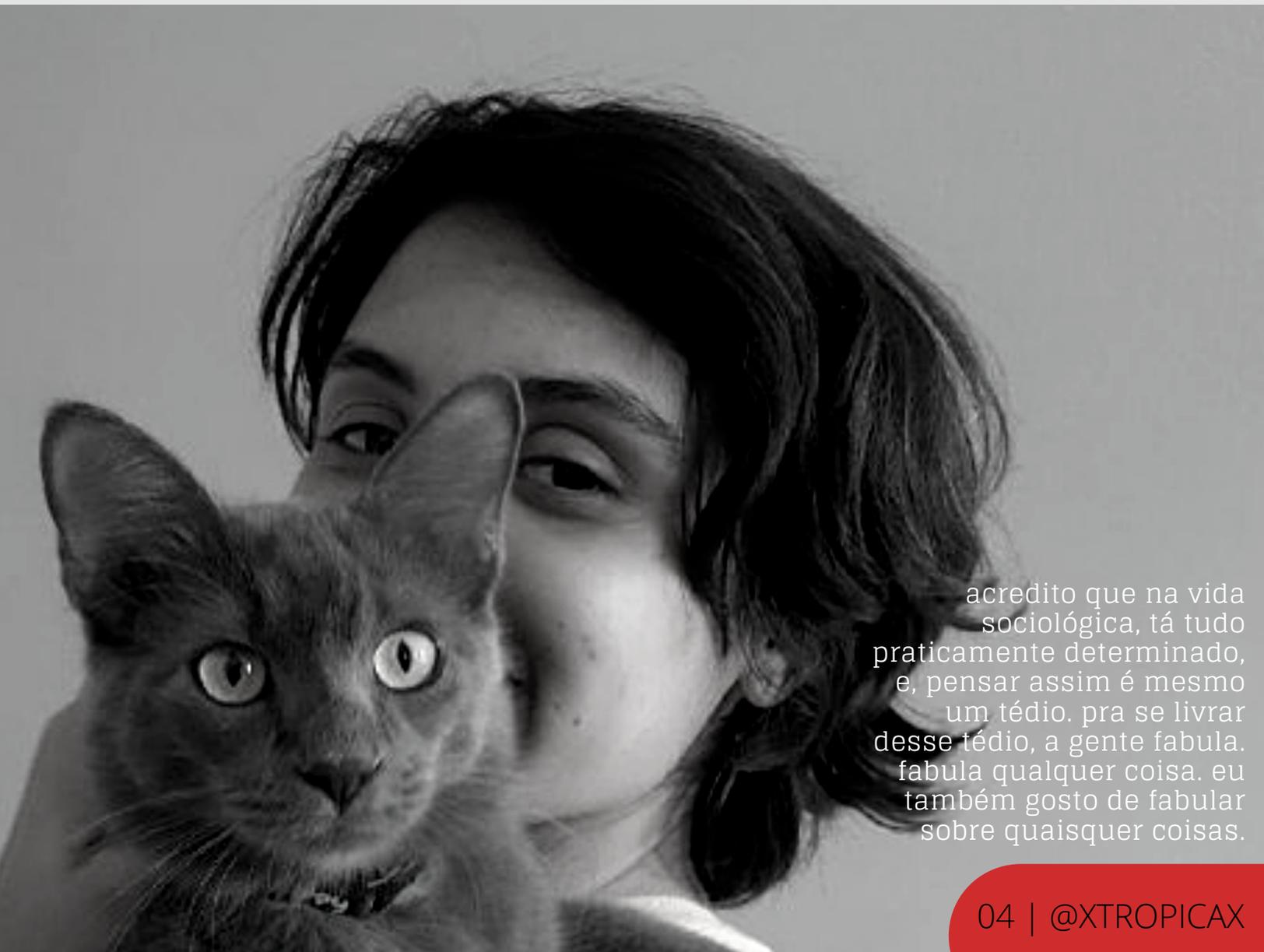
x

margem
wəbɐw!

x

Λ!l9ser

fab
fab
ric
ula
aço
ções
es



acredito que na vida
sociológica, tá tudo
praticamente determinado,
e, pensar assim é mesmo
um tédio. pra se livrar
desse tédio, a gente fabula.
fabula qualquer coisa. eu
também gosto de fabular
sobre quaisquer coisas.

a rua está agitada na forma



as flores sentem e avisam todo mundo sobre isso



mesmo as mais cheirosas tipo lavandas e alecrins



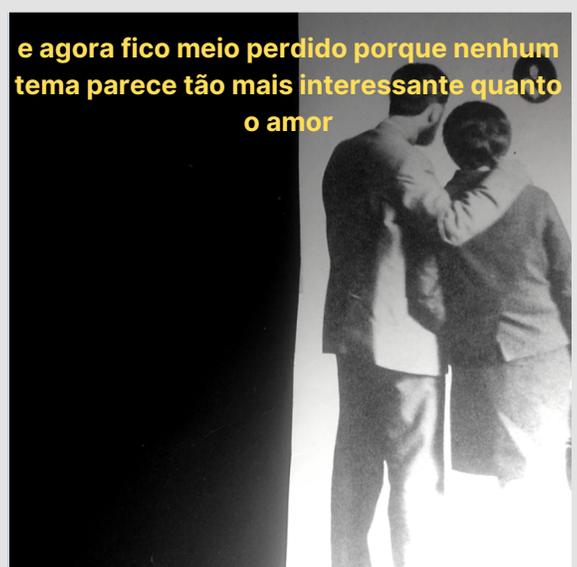
que devem temer o destino de desinfetante que levam



o que as músicas americanas em geral e o sertanejo universitário têm em comum é que os dois conseguiram me fazer achar que o tema do amor tá meio esgotado



e agora fico meio perdido porque nenhum tema parece tão mais interessante quanto o amor

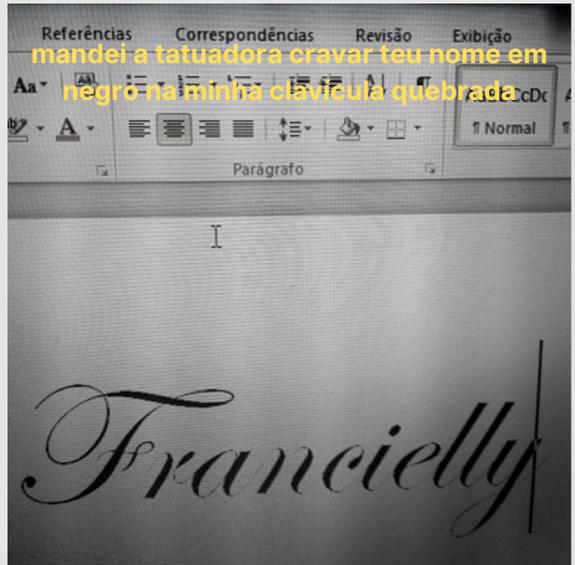




"é um enfeite moral tão bonito... como as flores que enfeitam as ruas agitadas"



pensei isso num rápido pensamento
[um impulso de fora para dentro]



mandei a tatuadora cravar teu nome em
negro na minha clavícula quebrada



mas ela confundiu e acabou escrevendo o da minha ex-namorada



REI

NINGUÉM

uma jornada desbravadora até o nada

demarcada em nossas fronteiras ininterruptas
poesia é coisa a ser devorada com os dentes
pedaço a pedaço, tim-tim por tim-tim, sem cismas

de todo modo, agradeço por

perguntar

queria um abraço
uma foda demorada
cheia de baba
de cheiro

cheiro é apetrecho
apetrecho é uma bolsa pendurada
na vida

a vida é uma
larga escala que dura
apenas o barulho de um
vento

eu te vi no feixe de luz que invadia
a cama no apartamento pela

noite e me dizia
você tem potencial

cresce devagar porque é coisa da sua
espécie essa sua segurança excedida

mas logo eu

logo eu que achei

que o humano, o que temos por
amor está vivo

é em qualquer dimensão

Zabud, El Diablo, La Muerte
e o Cavaleiro me beijam

as botas no chão desse
excremento poema

desconexo

que não faz
sentido algum

faz sentido se

você quiser

adentrar nessa minha

loucura

se você quiser sentido

faz a sua história

você mesmo

assim até cansar

como eu



**temperei
o cálice
pra despedida**



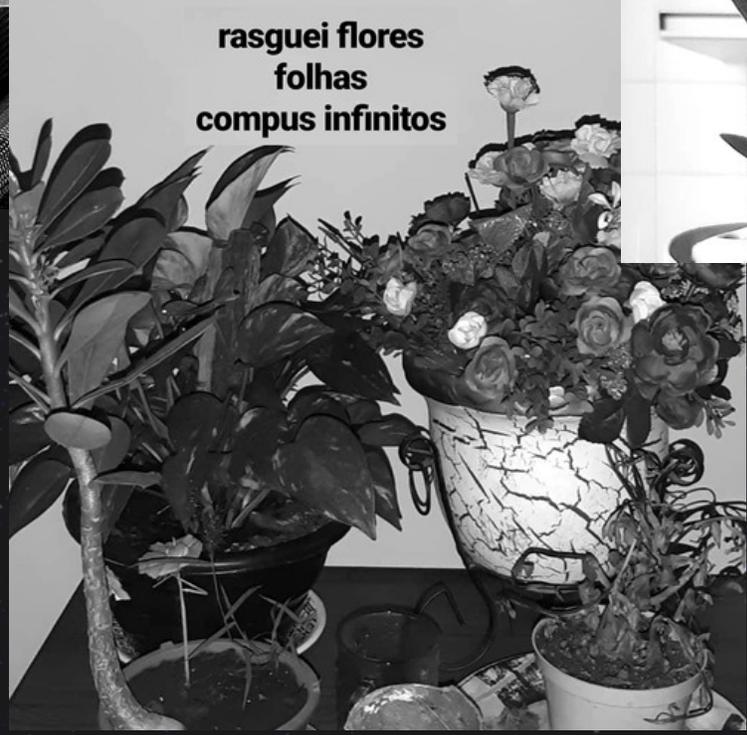
**engoli
estilhada
a alegria**



**bebi
a areia
que um dia
foi perfume**



**decidi
afogar distinções e
cores**



**rasguei flores
folhas
compus infinitos**



ENTRE VISTAS

ARTE: MARCUS VAZ

Entre vistas, vistas, visitas - olhares acerca de alguma coisa. Entrar neste olhar e experimentar o que estes olhos dispõem para enxergar. Os sentimentos são vistos/sentidos por detrás dos olhos.

Pensamos 'Entre Vistas' como uma sessão onde poderíamos perguntar o que geralmente não se lê. Responder o que não cabe no texto. Assuntos que não dão IBOPE, assuntos que não são tendência para quem procura tendências. O *trendy* é um trem desgovernado.

Assim, o mais importante aqui é estar falando. Estar em diálogo constante com alguma coisa. Não é responder para colocar um tijolo a mais na casa da auto-imagem. - Não estamos dizendo que somos autoimunes ao ego, mas propomos uma certa forma de destituí-lo. Há outros ecos mais potentes que podem alterar todos esses alteregos da arte.

Há de amar as trevas tanto quanto à luz. Portanto, há de se pensar tanto as perguntas quanto as respostas. Chega da Respostocracia. Boas perguntas também podem ser, por si, poemas inteiros. Livros inteiros. Precisamos de perguntas. Respostas podem ser sentenças - mas nem sempre. Não queremos sentenças: queremos sequências.

As vezes uma boa pergunta pode ser respondida de forma péssima. E é como se aquela pergunta tivesse sido desperdiçada ou vice-versa. Existem, também, boas respostas para perguntas ruins. E é essa a alquimia necessária para transmutar barro em ouro.

"Não estamos dizendo que somos autoimunes ao ego, mas propomos uma certa forma de destituí-lo. Há outros ecos mais potentes que podem alterar todos esses alteregos da arte"

E para esta primeiríssima edição, convidamos artistas para responder a uma pergunta. Acontece que os nomes e as respostas estarão dispersos pela página e esta conexão deverá vir de você. Não deve procurar quem respondeu, mas indicar quem pode ter respondido. A pergunta estará oculta, ou seja, você não terá acesso a ela durante a leitura - mas pode tentar reconstruí-la.

Como pensar outras formas de perguntar e responder? Como fluir e fruir uma EntreVista por outras vias? A pergunta ninguém lê. As respostas ficam soltas pela página. Você, leitor ou leitora, faz as conexões que achar necessário. Pode conectar diferentes respostas para a mesma pergunta, ou o contrário. Pode respondê-las, também. Pode criar uma nova pergunta para cada resposta. Aqui, estamos te tirando da posição de *voyeur*, estamos arrancando sua passividade. Você precisa agir. Precisa participar. Ser co-autor ou co-autora disso aqui. Afinal, estamos entre vistas, certo?

- 1- um balanço visual no qual a ideologia negocia de igual pra igual com as opções estéticas.
- 2-Interpretações de manchetes sobre o conteúdo explorado através de sons, vozes e gestos repetidos coreograficamente na abordagem
- 2-dialogos entre participantes sobre o processo criativo são adotadas na composição.
- 4- narrar da imagem ou sequência onde eu ouço minha própria voz e me retroalimento, crítico e verifico

Maurício Mota

- Tempo com asa
- Vazio pleno
- Corpo atento
- Nada me falta
- Invento
- Por dentro
- Ser selvagem
- A vontade
- Me fala

Lorenzo Falcão

Café, algum petisco, boa música, e alguns abraços. O processo e modo de fazer varia muito. As vezes, adiciono pitadas de noites bem dormidas. As vezes, unto as mãos com banho quenteinho, mesmo no calor de ciliabã. E confesso que no improviso, rola também ralar um pouco de prazo apertado, pra que a pressão cozinhe melhor os ingredientes.

Juliana Capilé

Livia Bertges

Carolina Argenta e Péricles Anarckos

acho que só aqueles que são essenciais mesmo, a depender da receita. se fosse um bolo, por exemplo, ia ser um pão de ló, se fosse um prato, ia ser feijão e arroz. essas coisas que não tem muito segredo e tu acha no primeiro link do google. a diferença é que, na hora de colocar as medidas, eu colocaria o quanto eu acho que ia ficar bom na receita, sem segui-las rigorosamente, ou talvez acrescentar uma coisa que tivesse na minha geladeira, tipo a vez que eu quis colocar goiabada no feijão e não tive coragem. acho que na escrita eu tenho muito mais coragem.

Não há receita.

Receita me faz sentir regras a seguir e me perturba. Se há regras pra fazer poesia, o que se faz é produto e não poesia. Então prefiro pensar como um caminho e os ingredientes podem ser as referências. Assim, faço poesia a partir de uma receita e não por uma receita.

As receitas pra comida, por exemplo, carregam medidas e tempo, que sugerem resultados, mas literalmente e metaforicamente, essas sugestões precisam estar sempre abertas à alguém que prefira carne bem passada, que é o contrário da receita.

Marcella Gaioto

Ingredientes? Chocolate, uva/vinho, tomate, maracujá (tudo Yang).
Ervas: Manjerição e orégano.
Proteínas: queijos
Processo? Com isso daí dá pra fazer aquelas tapas espanholas (sirva com poemas de Lorca). O vinho a gente bebe (pode ser um Porto Fernando Pessoa ou um Malbec Jorge Luis Borges).
Sobremesa: Bem brasileira! Queijo com goiabada a Carlos Drummond e chocolate com mousse de maracujá Cecília Meirelles.

Pra mim não pode faltar é o ingrediente coragem. Porque toda ação consiste em mergulhar peles, olhos, narizes e ouvidos em bacias de coragem e deixar marinando por vários dias. Depois disso, tira-se tudo para ser sovado no tatame da sala de ensaio. Todos os dias sova-se um pouco mais. É capaz de precisar acrescentar outros ingredientes e é melhor não ser econômico nisso. Mistura tudo, com a medida dos grandes poetas, e depois vai controlando a temperatura em fogo brando para não desandar. Não enforme nunca e sirva quente.

Meus ingredientes essenciais são cultivados, vêm do chão e não dos supermercados. Meus preparos sempre levam tempo, eu acredito nos tempos marinados, nas reduções, no lento cozimento.

Liz Marchetti

Tem que ter sangue. Muito sangue, memórias, moelas, bloco de concreto com cheiro ocre, sardinhas e um pouco de açúcar em cima, porque se tem açúcar em cima fica gostoso e é mais aceitável. No final, a gente mistura com um pouco de poética, tristeza e dá certo. Ou não.

Luz Marina

não acredito em receita alguma. Acho que a poética é como um processo quântico. Não depende de nada, a não ser de uma certa inspiração mágica - que depende, sim, de uma leitura técnica e apurada do mundo. Agora, é bem verdade que a receita fundamental é você ser sensível a natureza. Ter uma leitura pesada em cima - não da poesia, mas sobre o mundo. Na minha opinião, o processo mais importante para escrever bem é deixar que o acaso apareça na sua mão.

Lucas Lemos

Perseu Azul

1. Quais ingredientes são essenciais para sua poética? Imagens Perturbadoras (cenas, movimentos, observações do entorno); Palavras (letras, sentenças, sons); Ordenações (lógicas internas sensitivas, descritivas); Repetições (imagens, palavras, encadeamento e ritmo);

2. Quais os processos você submeteria? Emaranhar os ingredientes até que ganhem forma. Cozinhar até que pareçam macios à fala. Deixar descansar, coberto com um pano generoso, até que chegue uma semana - RELER. Degustar com amigos de confiança-poética. E pronto "à table!", está servido até que encontre o nada.

- Café expresso curto duplo;
 - Companheiros de vida & luta inspirados e comidomeliodos;
 - Tempo para o Encontro (com E malúsculo pois o encontro aqui é o de almas);
 - Grog para celebrar e invocar Dionísio (pois a cachaça é o curador de Exú do mesmo modo que o Grog é o curador do Encontro).
- Modo de preparo:
- 1 - Desenvolva uma fome poética e marque um café para misturar as fomes.
 - 2 - Misture bem as fomes poéticas até fazer uma liga homogênea.
 - 3 - Deixe fermentar e crescer como um pão.
 - 4 - Amasse o pão furioso com o rolo dos ensaios, sempre regando com mais café expresso curto duplo na moca.
 - 5 - Assé em fogo alto no forno dos corações incandescentes.
 - 6 - Sirva com muito grog celebrativo, proclamando a plenos pulmões: Evoé!

Marília Beatriz

Meus ingredientes essenciais iriam variar de acordo com o que eu gostaria de comer. Acho que um pouco de revolta em conserva desde 1996, duas xícaras de humor (é humor, ok? não vai confundir com comédia ou piada, esses aí dão um gosto horrível na boca. O indispensável é mexer na comida, brincar com a ela antes de comer.

Sol

QUEM É MATAPACOS ?

Negro Matapacos foi um revolucionário canino chileno. Batizado com este nome pela cor de seus pelos e por suas atitudes nos protestos populares iniciados no Chile em 2010. 'Mata pacos' significa 'Mata Policiais'. Tudo isso porque durante as manifestações, Matapacos latia e atacava policiais que tentavam reprimir a população. Ele também avançava contra as viaturas e defendia manifestantes de jatos d'água lançados pela polícia. Apesar de ter uma dona, a Sra. Maria, Matapacos vivia zanzando pelas ruas, sempre acompanhado de seus amigos do movimento estudantil - que colocaram o lenço vermelho em seu pescoço. Militou até 2017, quando no dia 26 de agosto morreu de velhice. No Chile, foi homenageado com uma estátua na praça onde sempre era visto. Também há um [documentário](#) sobre a história de Matapacos.



Por Paco Del Rio

NA FOGUEIRA

O que pode um corpo?

"O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo – exclusivamente pelas leis da natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinado pela mente – pode e o que não pode fazer" – Espinosa – Ética III, Prop. 2

No século XVII esta questão já estava sendo levantada como um corpo em pé, buscando olhar para a materialidade e a subjetividade deste "poder". Foucault propõe as relações entre os corpos e o poder, traçando uma relação indissociável entre essas duas instituições que se atravessam.

A pandemia do coronavírus (COVID-19) está aproximando cada vez mais a presença dos corpos na discussão política. Afinal, trata-se de uma situação de corpos - e anticorpos. É preciso pensar que a partir de agora o corpo produz os desdobramentos do que irá acontecer. É no campo do corpo e de suas significações que esta crise começou. De forma geral, a reaproximação do corpo enquanto organismo fisiológico expõe a fragilidade do estilo de vida que estes mesmos corpos desenvolveram em torno de si, através de uma subjetividade capitalista. Logicamente, o enfraquecimento das instituições sociais - especialmente causados pela ascensão da extrema direita e do liberalismo no mundo -, desempenha um papel fundamental

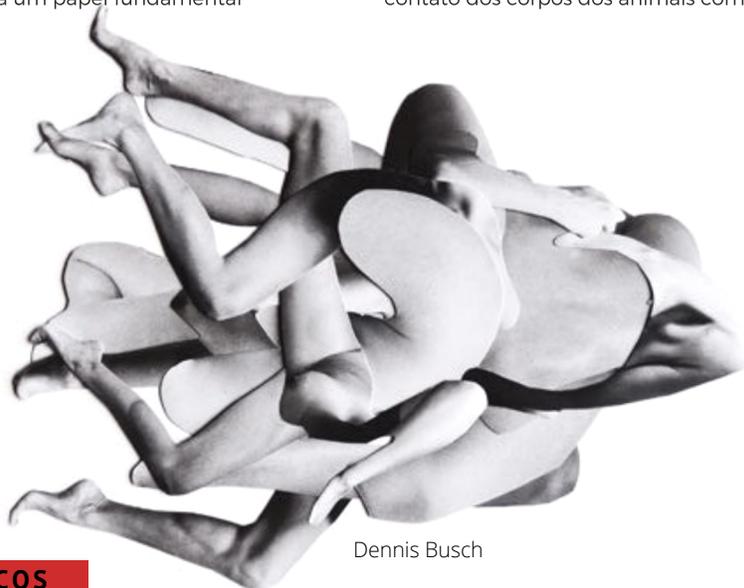
na exposição das fraquezas destes corpos. **Se "tudo que é sólido se desmancha no ar", a crise do coronavírus está dissolvendo as estruturas sociais nos corpos.** É possível pensar numa reintegração material em torno das noções de corpo - e também do discurso dos corpos. Neste momento, fala-se em corpos vulneráveis, grupos de risco. Os termos podem tentar ocultar a relação de corpos, mas ela está presente sempre. Sempre esteve, mas agora é impossível negar que esta reorganização micro/macro-cósmica está aniquilando as partes menos fortes das diferentes estruturas que os corpos estão inseridos - e essa destruição em massa está afetando mais corpos do que nunca.

Pessoas estão morrendo. E é possível entender a relação disto tudo com os corpos a partir do momento que se entende a expansão do vírus no mundo. A indústria milionária das carnes exóticas (vinda do assassinato de animais silvestres nos mercados de WUHAN) na China, alimenta uma parcela seleta da elite mundial que busca consumir o exótico, o diferente, o que não se encontra em todo lugar. Isto já é uma relação de corpos, ou uma relação de distinção de corpos. A especificidade das carnes silvestres consegue separar o que é comum do que é raro - e isso recebe valor. A elite se interessa por coisas valiosas e pouco acessíveis. É distinção. Separação para a firmação. O vírus se desenvolveu a partir do contato dos corpos dos animais com as pes-

soas. É preciso questionar sempre o consumo de carne quando essas questões se tornam latentes. Por que comer algo que nasce da supremacia da dominação e da violência de corpos?

O percurso se estende na relação de corpos quando a estrutura que os rodeia é a que os expande. As viagens aéreas internacionais foram vetores da transmissão do vírus e também escancaram a estrutura dos corpos presentes nestes ambientes. Um vírus que se inicia num seletor mercado de elite e se amplia para o mundo através de um dos lugares-símbolo da mesma elite nos últimos tempos: aeroporto. É impossível negar que os avanços nos governos progressistas descentralizaram o monopólio aéreo das elites. Isso gerou revolta e questionamentos: questionamentos que acusavam corpos e o lugar dos corpos. Assim, é possível entender um pouco do colapso que se desencadeou. A transmissão do vírus se dá a partir de um princípio básico dos corpos: relações. As teias de relações que reforçam a supremacia de alguns corpos em detrimento da ruína de outros foi exposta: as primeiras mortes no Brasil, por exemplo, foram de corpos vulneráveis e não pertencentes à elite. Porteiro de prédio de luxo e empregada doméstica que cuidava da patroa contaminada. O que essas relações querem dizer?

A exigência de alguns corpos está pulverizando as fronteiras que outros corpos criaram. Assim o caos corpóreo se instaura, pois a velha estrutura não consegue mais se sustentar e novas invenções ou reinvenções começam a surgir na tentativa de proteger a velha estrutura ou destituí-la de poder. É neste momento que os corpos se tornam presentes enquanto corpos, expondo sua fragilidade, pois de uma certa forma, são corpos que correm risco. E este risco é assumido numa tentativa de universalização da necessidade de cooperação dos corpos. **O coronavírus impõe uma condição de coletividade e parceria entre os corpos.** E então, nascem outras interpretações corporais. Nascem outros corpos. Nascem outras relações de corpos. A revolução é pelo corpo.



Dennis Busch

por clark mangabeira

ensaio sobre mim e você

Enfim, sobrou tempo. Muito tempo. Em meio ao necessário e fundamental isolamento social, o tempo tornou-se, por um lado, filho pródigo que retornou com ânsia de permanência quando achávamos que já o tínhamos perdido para sempre, condenados a procurá-lo. Por outro lado, ironicamente, agora impõe sua vontade à nossa revelia: o que fazer com esse montante inesperado, aparentemente exagerado, dessa coisa chamada tempo que agora escorre como se inesgotável por entre nossos dedos?

Isolados, acabamos nos tornando os corpos que sempre fomos. Corpos que se movem, comem, defecam, bebem, dançam, dormem, pensam. Corpos: carne, mente e alma, trindade uma flutuando entre o futuro do presente e o do passado. E, como corpos que sempre fomos, percebemos que esbarramos naquele tempo. Andamos com ele. Por dentro dele. Independente de qualquer variação filosófica, fiquemos com o óbvio – um exercício que hodiernamente parece excelente: temos tempo, queremos fazer algo com ele, mas nossos corpos=mentes=almas se escoram no antigo hábito de nunca o ter, de sempre persegui-lo, cachorros correndo atrás do próprio rabo.

Corpos e tempos. Tempos que subjetivamente variam de corpo a corpo. É comicamente triste ver publicações nas mídias em geral que encerram piadas sobre a quantidade de tempo, corpos prostrados e desesperados pelo excesso. Porém, é triste também fingirmos nunca nos termos dado conta da falta, de quanta falta o tempo fazia: na aclamada lucrativa correria do dia a dia, durante a qual muitos ansiavam pelo fim de semana ou alguma atividade qualquer, faltavam horas e dias. Esvaíamos-nos

Então, veio o agora e mudou tudo. O agora mesmo, inescapável. Presos em um agora elástico, o que fazer? Como fazer? Que tempo, dentre todas as antes maravilhosas possibilidades, queremos usufruir? Nunca se fez tão necessária as Artes em nossos corpos=tempos. “Sempre” e “nunca” se fundiram em uma encruzilhada na qual a desgastada imaginação bamboleia-se em torno do próprio eixo, sem a necessidade do tempo futuro na qual viria a fincar-se, já que o agora, bem, é agora, e as Artes dão o tom dos começos e finais dos tempos.



Artista - Marcella, de Ernst Ludwig Kirchner, 1910. Museu Brucke de Berlim

Paralelamente, não nos esqueçamos, Artes e corpos=tempos inscrevem-se politicamente. Quais tempos são passíveis de serem usufruídos artisticamente e artesanalmente, ou não? Quais corpos podem usufruir de quais tempos e Artes? Quais corpos=tempos devem ser excluídos? Estes e muitos outros questionamentos delimitam a lógica objetiva mais ampla – cruel – de estabelecimento de tempos específicos para corpos específicos, em uma agonia da qual resvalam gritos dos excluídos, e às

favas com as qualidades subjetivas artísticas e corpo=temporais. Corpos desolados. “Corpos matáveis”, nas palavras de Butler, mas também tempos matáveis, cruéis, açougueiros a retirar a carne das mentes e almas para servir de alimento a outros. Corpos=tempos esvaziados.

No inefável desse momento-instante atípico, enfim, o que nos resta? Volta-se ao “tudo” e ao “nada”, unificados. Não faço a menor ideia do que fazer e/ou viver. Sobre tempo? Inegavelmente. Mas que outros pensem sobre ele. Estou (estamos?) com o corpo cansado e, infelizmente, sem tempo. Defender o óbvio – que clichê! –, de fato, cansa. **Mas, por favor, fiquem em casa.**

GALERIA

Essa sobreposição foi feita por Henrique Santian a partir de uma fotografia de um indígena WAUJA em um ritual tradicional da aldeia e uma fotografia do cerrado ardendo em chamas em 2019.



TRECHO DA PEÇA

1998

NEPAL

Primeira peça do TeatroFúria, escrita por Péricles Anarckos, trazia uma reflexão sobre os dois últimos sobreviventes no planeta.



Bathanagar: É muito triste o mundo se transformar assim...Tão carente de não sei o que... E nós? Por que nós? Os dois tão previstos e esperados sobreviventes da profecia de Potrassa em vida não representaram nada para o mundo.

---:Esse teu modo de pensar está me deprimindo. Pare com seu delírio ou assistirá a transformação louco. Por que não se cala um pouco e produza algo que de tão grandioso pague sua curta permanência nessa vida?

Bathanagar: Ao menos tentarei...Sinceramente...Restam-me próximos dois dias. Se ficasse comigo até o fim, teria quatro!!!

---:Deixe de reclamar, condenado do mundo. Aja!

Bathanagar: Ajude-me!

---:Não necessita de minha ajuda. Faça um poema! Doe um pouco de si ao tudo.

Bathanagar: Será que o mundo necessita de uma homenagem minha? Não, nada de homenagens.

Preciso de algo mais científico. Algo realmente importante. Nada de arte inútil!!! Nada de romantismos!!! Algo importante! Seremos aos possíveis futuros inquilinos que nascerão e habitarão nosso planeta depois de nós, tão fascinantes quanto é para nós os homens pré-históricos, ou os povos do Egito antigo. Seremos bem mais que exóticos. Precisamos fabricar um fóssil!!!



Hoje, mais de 20 anos depois da estreia de Nepal, o TeatroFúria é comandado por Carolina Argenta e Péricles Anarckos



Foto: Karen Malagoli

---:Fabricar algo como uma obra de arte?

Bathanagar: Se você tivesse nascido Pablo Picasso e estivesse aqui e agora fabricaria o que?

---:Um quadro magnífico.

Bathanagar: E se fosse você Pablo Neruda?

---:Um poema emocionante.

Bathanagar: E se nascesse Pablo Escobar?

---:Talvez construísse um castelo de talco.

Bathanagar: Isso daria assunto para o resto da história do mundo. Porém, não sou nenhum deles. Quando meus restos forem descobertos, não quero ser confundido com Pablo algum que não seja a mim mesmo.

---:Façamos pois um monumento magnífico e autografado por nós dois. Uma obra propositalmente arquitetada para ser a última produção humana.

Bathanagar: Me parece um monumento algo turístico demais. Algo turístico demais me parece um monumento. Eu quero algo incomparável. Algo fascinante. Algo misterioso!

---:Faremos o que?

Bathanagar: Vamos invadir os cemitérios da região, e selecionaremos os melhores ossos humanos. Os espalharemos nos locais mais propícios para que sejam achados pelo povo do futuro. Depois pintaremos em muros e em paredes de cavernas o nosso cotidiano e tudo o que existe ultimamente. Pintaremos bois, pássaros, nós mesmos caçando algum animal...

---:Você é mesmo inovador...

Bathanagar: Vamos abalar a opinião pública

---:Vamos revolucionar as convenções sociais.

quer ver? escuta!

COSMOCOLMEIA é o segundo disco da cantora, compositora e artista visual Laura Wrona. Produzido por Thiago Nassif e co-produzido por Laura, conta com as participações de Edgard Scandurra e Juliana Perdigão, dentre vários outros.

São 10 faixas, sendo 9 autorais e uma versão da música **Estou Além**, do ícone pop português **Antônio Variações** (1944-1984)

o som da cosmocolmeia

Formada em programação visual, com estudos nas áreas de fotografia e artes plásticas, Laura sempre esteve ligada à música. Integrou diversos projetos musicais em paralelo à formação em canto popular, que cursou entre 2005 e 2007 na Universidade Livre de Música (atual EMESP).



“Fiz um curso com abelhas nativas, sem ferrão, e no livro tinha uma referência a uma planta chamada **Cosmos**. Fiquei espantada com o nome. É como se fosse um universo pra abelha. Esse ‘cosmo da flor’ me fez pensar no cosmo da galáxia, da criação do mundo.”



o som de Laura está disponível nas plataformas digitais

ABRAÇO VIRTUAL



**IMPEDE O
CONTÁGIO
VIRAL**